

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

O JORNALISMO (Revista Popular.)

Da imprensa nasceu o livro.
Já era um grande aperfeiçoamento, uma immensa vantagem; não bastava porém. O numero dos leitores era ainda circumscripção, já pela carstia das obras, já pela exiguidade do tempo de que elles mesmos dispunham.

Custa a devorar grandes in folios. A maioria do genero humano, mesmo a maioria que lê, que estuda, que se instrue, que pensa e medita nos grandes problemas do mundo social e do mundo physico, dispõe de pouco tempo para o cultivo do espirito, para as explorações da sciencia. A vida pratica rouba-lhe quasi todas as horas, e bem que na linguagem da escriptura, não seja só de pão que vive o homem, também nem um pode viver sem pão.

Era, porém, necessario, que a humanidade andasse a par das grandes e pequenas questões, que o espirito humano agitava, e que a intelligencia fecundava; era myster que recebesse esse alimento, que robustecesse o espirito e lhe dá forças para supportar os males e gravames proprios da natureza humana; era preciso que si refrigerasse n'esse orvalho celeste, que soubesse seus direitos que conhecesse seus deveres, que andasse em dia com os melhoramentos apresentados; e então creou-se o jornalismo, que satisfaz todas essas necessidades, que tem todas as vantagens procuradas.

O jornalismo, para servirmo-nos do pensamento de Victor Hugo, matou o livro, ou melhor, tirou-lhe grande parte da sua importancia, absorvendo tudo quanto elle contem, sem o inconveniente da prolixidade, e tendo a vantagem de ter tudo, de falar sobre tudo, de tractar de todas as questões, de discutir todos os pontos das sciencias, das letras, das artes, de aprofundar ou não as materias, de revelar as invenções, de remontar-se ás grandes questões sociais, analysando-as ponto por ponto, com o escalpello da critica, com o criterio da reflexão, ou apenas tocando-as na superficie, como a borboleta caprichosa oscilla a flor.

O homem abraçou o jornalismo. Dizer o que tem feito o jornalismo, os bens que tem produzido, os males que tem causado, as revoluções que tem provocado, a luz que tem deramado, o sangue que tem feito cor-

rer, os abalos que á sociedade tem causado, os perigos de que a tem arredado—é assumpto que não cabe nos estreitos limites de um pequeno artigo.

E ali no jornalismo, que si tem provocado e discutido essas questões que tem agitado a sociedade em suas bases; foi elle quem apressou o desenhace da grande catastrophe de 17-92; quem expelliu da França a Carlos X e a Luiz Philippe; quem lançou ao anathema do mundo o nome de Haynau; quem, entre nós, e em todos os paizes civilizados, tem feito baquear e subir os governos, triumphar e ser derrotados os partidos; quem tem dado nomeada a esses homens, cujos nomes temos todos com admiração e respeito.

«Muitas vezes, diz um escriptor francez, não si sabe por que tal lei, tal instituição, vaseilla lá ao longe,—o papado alem dos Alpes, o throno do Czar na extremidade da Europa, a escravidão na America, a pena de morte por toda a parte. E' que o jornalismo fallou, e que a imprensa estremeceu, e em certas horas um de seus estremecimentos equivale a um terremoto.»

O jornalismo falla, e suas palavras vão ao acaso, a travez do espaço, não importa para onde. E' o vento que passa, dirão os espiritos irrefletidos e estereis, e no dia seguinte, o d'ahi a um mez, e d'ahi a um anno alguma coisa si desmorona na superficie da terra, ou alguma coisa, surge.

Quem causou esse desmoronamento, ou provocou esse nascimento? O jornalismo; — vento que passa, ruidoso que si evaeca; perem semente que germina.

N'essa tribuna, como a chama Lamartine, cada partido tem o seu orador, cada idea seu sustentador e seu apostolo. «Ahi si apresentam e si discutem todas as opiniões, boas ou más, verdadeiras ou erroneas, sustentam-se todas as causas, defendem-se todas as formas de governo, todos os desvarios da demagogia; é ella o terror e o apoio de todos as tyrannias, de todos os fanatismos, e a esperança, e o advogado de tudo quanto é opprimido, de todos os direitos conspurcados.

Luiz Napoleão tem admiradores e adversarios nas fileiras do jornalismo, que defendem-n'o e accusam-n'o: a questão italiana, o poder temporal do Papa, a occupação da Romania, o captivo da Polonia, o knaut da Russia, a diplomacia de Cavour, a tactica de Palmerston, o governo de An-

tonelli, as façanhas de Garybaldi, a oscillação de Napoles, tudo tem sido ahi encarado, discutido, historiado, com mais ou menos paixão, segundo o prisma por que cada um olha, segundo a convicção interesses e sympathia de cada um.

Ahi, todo se advoga, as boas e as más causas, a inquisição e o jezuitismo, a Republica e o despotismo, a guilhotina, a anarchia, e a demagogia. Ahi combatem os partidos, com encarnicamento e conf'loria, produzindo heroismo, vomitando fêl e incutindo o susto.

Eis o que é e o que faz o jornalismo.

Ahi, no jornalismo, na tribuna ao alcance de tudo e de todos que maneja uma pena, que tem uma idea, analysam-se, discutem-se e resolvem-se todas as questões de finanças, de credito, de trabalho, de religião, de politica, de interesse publico e individual, de paz e de guerra; foi alli que começaram os grandes historiadores, os grandes politicos, os grandes poetas, os grandes oradores, desde Byron até Guizot, desde G. Dias até Octaviano, desde Jequitinhonha até Alencar.

E o que resulta d'esse combate, o que é que produz essa luta ardente, viva, tumultuosa, grande de paixões encontradas, de opiniões diversas e oppostas, d'esse choque perpetuo das intelligencias, d'essa guerra aberta e travada da razão contra a razão, do direito contra a prepotencia, da força contra a força, do homem contra o homem?

O que resulta do choque a farsa; o que resulta da tempestade—a bonança.

Mas, como entendemos que deve ser o jornalismo?

Reservaremos o desenvolvimento d'este ponto para outro artigo.

PADRE R. B. DE SOUZA.

NOTICIARIO

Correio.—Não podemos deixar de censurar o modo por que infelizmente é feito o serviço postal em nossa terra! E' uma lastima! Continuas são as queixas que alguns dos assignantes do nosso periodico formulam sobre irregularidades no recebimento do mesmo periodico.

De nossa parte temos plena convicção de que observamos a mais escrupulosa pontualidade nas remessas do nosso jornal, quer em referencia aos nossos assignantes, quer em referencia ás illustradas Redações que nos honram com permutas de seus jornaes.

Entretanto o *Jornal da Tarde* de 26 do passado, diz que temos em subita falta, assim se exprime a nosso respeito: «Hoje, 26 de Janeiro, foi que recebe-

mos o *Echo Municipal*, de 22 de Dezembro findo.

«De quem a culpa? Do remetente ou do correio?!»

«Mysterio!!!».

Podemos, pois, em vista do exposto, ao digno Agente do Estação de Cachoeira, que se encarrega do serviço dos correios, e em quem depositamos inteira confiança que se digno informar-nos ao que devemos attribuir as constantes irregularidades havidas no recebimento dos jornaes que pontualmente remetemos. Neste modo satisfar-nos-ha, bem como ao illustrado collega do *Jornal da Tarde*, que, com razão se queixa de tal snomalia.

Balsa.— Ainda não merecemos do sr. administrador do registro da barreira do salto n'esta freguezia as explicações que nos ultimos numeros da nossa folha solicitamos des. s. Continuamos a debater-nos nas mesmas duvidas, o que é peor, continuamos a servir-nos mal. Porque, pois, o sr. administrador, não si dignará, ao menos em satisfação ao publico, dizer-nos alguma cousa a respeito?

Teremos summo prazer em estampar no nosso jornal as razões que apresentar em abono da praxe estabelecida em referencia ao serviço da balsa.

Consta-nos que o sr. administrador ordenará, com medida aconselhada pela prudencia, aos empregados encarregados do trabalho de passagens da balsa, que, durante a grande cheia do rio, não continuassem a dar passagens depois das 7 horas. Até ahi, de accordo.

Mas o que não nos parece regular é que persistam na moda depois que o rio se acha em completa vassante, e que não offerece o minimo perigo em serem sulcadas as suas aguas durante a noite. Convem, pois, que si restabeleça a antiga ordem na passagem, ao menos até ás 9 horas da noite, como sempre tem sido.

Aguardamos providencias e as solicitadas explicações.

Dignar-se-ha responder-nos, sr. administrador?

Enfermos.—Temos o prazer de declarar aos nossos leitores que se acham quasi totalmente restabelecidos dos graves incommodos de saúde que tem soffrido, o nosso amigo sr. Francisco Ortiz e o joven Carlos, intelligente e interessante filho do nosso amigo sr. Victorino de Almeida Cunha.

Os phenomenos morbidos da que foi atacado o primeiro dos enfermos, sr. Ortiz, foram devidos, ao que nos informou o illustrado e distinto medico assistente, sr. dr. Ascanio de Azevedo, a uma congestão cerebral, cujas funestas consequências foram felizmente atalhadas em tempo. O segundo, que se acha sob os cuidados do intelligente pharmaceutico, sr. Braulio Mendz, tambem esteve em estado gravissimo, agora porém se acha livre de perigo.

Nos os felicitamos e ás suas respei-
veis famílias.

Matadouro.—Que nos cons-
ta ainda a Camara Municipal de
Lorêna não providenciara sobre a
construção do matadouro publico
d'esta freguezia. Continuam em
vigor as *relhas* do costume.

Em consequencia, os proprietari-
os de aquelles proseguem no mes-
mo terreno, evocando as brizas que
passam sobre o local que devem
optar para o morticínio de rezes
para o consumo. As circumstân-
cias se aggravam. O Paralyba,
que tende a vasar, vae deixando
sobre as suas margens immensas
lagas, que, formadas de aguas es-
tagnadas, muito breve se transfor-
mam em outras tantas fontes de
perniciosos miasmas.

O sangue coagulado e residuos
das rezes mortas reúnem-se-hão ao
julgubre cortejo das aguas putridas
e não tardará que se vá corar a
coroa do anno da peste.

Permitta Deus que estejamos em
seguro. Si, porém, se realisar este
vaticinio... quem carregará com a
maxima responsabilidade?...—A
Camara irresponsavel e soberana
que trata com o mais requintado
menoscasto tudo quanto tende ao
bem-estar de Cachoeira!

Nomeações.—Do *Diario Official*
de 28 do passado, extrahimos:
— Por cartas imperiaes de 25 do corrente
mez e decretos da mesma data, foram no-
meados:

Presidentes: da provincia de S. Paulo o
bacharel Laurindo Abellardo de Brito; da
do Espirito Santo o bacharel Eliseu de Sou-
za Martins; secretario da provincia de Mi-
nas Geraes o bacharel Camillo Augusto Ma-
ria de Brilo; inspector de saúde publica da
provincia das Alagoas o dr. Joaquim Te-
lesphoro Ferreira Lopes Viana.

Tabellião.—Segundo refere o *Re-
porter* tambem de 28 do mez proximo pas-
sado, fez-se menção da servidão vitalicia:

Do officio de tabellião do publico judici-
al e notas, civil, crime e provedores, do
termo de Silveiras, nesta provincia, ao Te-
nente João Rodrigues do Prado.
Felicitamos ao Municipio de Silveiras pela
acertada escolha do sr. Tenente Prado
para aquelle cargo: por quanto é o nomea-
do assaz merecedor dessa escolha, por isso
mesmo que fez toda a companhia do Paraguy,
onde prestou relevantes servicos em des-
safronta da patria ultrajada.

Atem de que o nomeado dispõe de bastan-
te criterio, bom senso, e bastante intelligen-
cia para desempenhar dignamente as attri-
buições inherentes ao lugar para que fora
nomeado.

Hopede illustre.—Esteve an-
te nós por alguns dias, tendo regressado
para S. Paulo a 29 do passado, o nosso par-
ticular amigo e distincto poeta e litterato,
dr. João Baptista da Silveira, 4.ª annista da
faculdade de Direito.

Saudando ao illustre cavalheiro, e a sua
exm.ª familia desejamos-lhes feliz viagem.
Consta-nos que este nosso amigo vae ser
comendado official de gabinete do presidente
da provincia. A confirmacao desta suppo-
sicao, será um acto de merecida justiça, por
quanto, além dos vastos conhecimentos intel-
lectuales de que dispõe o sr. dr. Silveira, é ei-
le ainda muito distincto e genuino mem-
bro do partido liberal, em cujas ideias
tem prestado reaes servicos. Fazemos vo-
tos para que se verifique tão acertada no-
meação.

Leão Brazil.—Estamos authorisa-
dos a declarar que este novo amigo e
distinto escriptor vae fixar a sua residen-
cia na vizinha cidade de Silveiras, onde,
ao que nós consta, vae leccionar na col-
legio Silveirens do Sr. Francisco Antonio
Pereira da Cruz—materias de instrucção
primaria e secundaria, assim como alvo-
gar conjuntamente como dr. Paula Bar-
boza.

Saudamos ao Silveirens por esse sac-
cesso, por quanto fazera uma importante
aquisição na pessoa do sr. Leão Brazil,
que, dispondo de uma solida illustração

e variados conhecimentos litterarios, mu-
lto illustrará a mocidade estudiosa de Sil-
veiras, a quem d'esta tribuna felicitamos
pelas lizes que lhe serão esparzadas pelo
futuro e illustrado preceptor.

A. Carrara.—A 26 do mez pas-
sado deu aqui uma ultima represen-
tação dramatica—comica e thauma-
turgica o sr. A. Carrara qua, como
já noticiamos tem permanecido en-
tre nós ha alguns dias.

O sr. Carrara, artista intelli-
gente e amador ainda é o mesmo
vulto que em todos os tempos tem-
se distinguido brillantemente no
palco; a menina Aurôra Brasileira
é admiravel no desempenho dos
papeis de que se encarregou! Con-
tando apenas 8 annos de idade,
realmente admira que já revele
tanta naturalidade no desempenho
de suas partes, e extrema propensão
para o palco. E' a todos os motivos
digno da publica protecção. o sr.
Carrara que, além de reunir em si
todos os requisitos de um consum-
mado artista—é ainda um cavalhei-
ro em extremo affavel e delicado.

Bananal.—Com profundo
pezar lemos no *Echo Bananalense* a
desagradavel noticia de achar-se
gravemente affectado de alienação
mental o sr. Feliciano Joaquim V.
Torredão, residente n'aquella cidade.

E' o desventurado, além de nosso
amigo,—um dos melhores assignan-
tes do nosso periodico.

Lamentamos de coração tão lamen-
tavel acontecimento, acompanhamos
a exm.ª familia do infeliz enfermo
nos seus soffrimentos e fazemos ar-
dentes votos á divina providencia pa-
ra que brevemente sobrevenha a
desejada bonança como compensação
da horivel tempestade que ora os
atormenta.

Canna-verde.—Consta-nos
que reproduz-se por aqui o abuso do
inconveniente divertimento conheci-
do sob o nome que serve de epigra-
phe a esta noticia. Chamamos
a attenção do sr. Subtel-gado
de policia para este particular, e a-
guardamos providencias.

Jornal do Povo.—Suspendea
sua publicação a 28 do passado o *Jornal*
do Povo, diario excellentemente redigido
na Corte pelo illustrado jornalista sr. dr.
Augusto de Carvalho, sentimos de veras que
baja desaparecido da athena jornalística tão
denodado paladino.

**Revista de Horticultu-
ra.**—Recebemos o n. 36 d'esta
Revista illustrada, que completou
o seu terceiro anno de existencia.
Agradecemos a sua illustre Redac-
ção a proverbial poupalidade nas
remessas que obsequiosamente nos
faz do seu util, agradavel e instruc-
tivo jornal, recommendando-o á
consideração dos nossos patrióticos e
particularmente dos nossos agricul-
tores intelligentes e illustrados, que
têm o rigoroso dever de dispensar
sua protecção a uma publicação
como esta, que, no nosso entender,
consulta e attende aos mais vitiaes
interesses da lavoura.

Saudamos á *Revista de Horticultu-
ra* e auguramos-lhe longa e pros-
pera existencia.

O bernardo e as ber- nardas.

(Cruzeiro)

Letmos, com riso e admiração, a
primeira parte da secção livre da
«Gazeta de Lorêna» de 26 do pas-
sado: com riso, porque essa parte
é uma pilheria viva; com admi-
ração, porque somos admiradores
da audacia! (*Audaces fortuna ju-
vat.*) Realmente o embroglio que
tomou por epigraphe ou travessel-
ro—Villa do Cruzeiro—é assig-
nado por uma chufa volante. *Ber-
nardinho!*

Quem ha por ahí que não sinta
afiar-lhe o peito e inflammarem-
se-lhe as bochechas, em convul-
sões de riso, ao pronunciar tal su-
bstantivo! E depois o adjectivo—
mondeiro—com a restricção—*de bri-
to!* Isto é impagavel!

Bernardo quer dizer frade,

Bernardo quer dizer tólo;

Mas um bernardo pequeno,

não é bernardo—é rebêlo;

Ora o bernardo é dos montes:

Logo o bernardo é um tólo.

Como queria o pequeno bernardo
que o *Echo* não se risse e não se
admirasse de suas pilherias, se o
Echo, em sua missão elevada, de-
te attender a bernardos e bernar-
das? Se assim não fosse, o *Echo*
não seria o fiel representante do
municipio. O *Echo*, meu caro, vae
à Igreja com a «Gazeta», confes-
sa-se com ella, ao menos uma vez
por anno, e depois pouco importa
que assista bailes em Entre-Rios e
casamento no Cruzeiro! A Igreja
tolera os bailes, tolera... Pois se a
«Gazeta» tambem dança...

Mas...

Escuta bernardo; tu que és aman-
te da risota e das mouas, foste ao
Olympo e pediste á musa mais ar-
refestada que te inspirasse; ella se
incarnou em ti: pilheria sobre pi-
lheria!

—Será synalepha?

—Não, bernardo. é pleonismo!
E você não quer que a gente se
ria?

Era um dia um baile. «As mo-
ças estalavam balas de estalo, os toi-
letas eram lindos e vinha a aurora
da manha rompendo a alvorada,
em quanto a Canna-Verde cami-
nhava na senda do progresso!»
Quem diz estalar estalos.
Tambem diz morte morrida.
Tambem diz—dançar-se baile.
Tambem diz «perda perdida».

Não quizemos dizer—perdida
perda—(Este pedaço não é nosso)
para não termos de rimar com al-
guma coisa um tanto prosaica...

Mas não tiveste razão, ó bernardo,
de te zangares com o *Echo* por cau-
sa da reprodução fiel do teu dis-
curso no seu numero 26. O *Echo* é
até constitucional.

Diz a Constituição (art.):
«Tambem não serão criminosos etc.
etc. Ora o teu discurso não foi al-
terado:

Logo.... tira a conclusão e abra-
ça o *Echo*, que é teu amigo e ja-
mais.

Depois o *Echo*, para mais realce,
deu até echo ás tuas palavras:
«saúde, ué, Paulino ino,» assim

em forma d'aquelle mimoso re-
citativo de V. de Carvalho:

«São minhas crengas sepulchraes
delirios,
Lyrios fanados pelo pó da estrada,
&&»

O *Echo* nunca foi á Grecia; não
pôde ser um dos sete sabios; conhe-
ce-os entretanto; uns pela *pinta*, ou-
tros pela *manha*, outros pelas *ber-
nardas* outras pelos *cabellos*.
«Eu não sou filho d'aquí,
Mas sou filho de Lorena;
Juda que eu não queira ser,
Meu cabellino condemna.»

Esta quadrinha apaschou-a o *Echo*
na succolenta Canna-Verde, no Cru-
zeiro, a 19 de Setembro do anno
que acaba de morrer.

Agora bernardo, um conselho a
ti e outro á musa que te inspira dos
cames do *Olympo*.

A ti:

Bernardo meu bernardinho,
Bernardo do coração,
Nunca deixes a botica
Pela droga da paixão....

A' ella:

Linda musa de meus sonhos,
Orgulho do Hepesaré;
Deixa o bernardo sózinho,
Ergue-te logo e de pé!

Nos.

CHARADAS

Offerecidas ao muito digno redac-
tor do *Echo Municipal*.

1. — A metade do côco é rio da
Europa que serve nas mezas.
2. —
3. — A 2.ª pessoa do verbo, no cor-
po humano do alho é reflector
da formosura.
- 3.ª
2. — Este altar, senhor, é fructo
do Brazil.
- 4.ª
2. — 1. — O altar, (oh homem!) está
alegre com, este passaro.
- 5.ª
2. — 1. — Dens mythologico, na pa-
daria. Está alegre. Esta fruc-
ta.
- 6.ª
1. — 2. — Este elemento serve nas cartas.
Exforçado capitão Romano.

As do numero precedente são: Cer-
vejada, Pardo, Faca, Sineta Biscuito,
Anagramma, Salpicão, Perua, So-
phá, Cigarra, Maria.

Variedades

= O Amor =

«O amor não tem idade; é sem-
pre novo.
Os factos nol-o dizem, e é por isso
que o representam menino.

A' medida que se tem mais espirito, mais bellezas originaes se encontram; porem é quando se não ama. Quando se ama, não vemos se não uma.

O primeiro effeito do amor é inspirar-nos um grande respeito; venera-se a pessoa que se ama e é justo porque a ninguém temos em maior conta no mundo.

Quanto mais extenso é o caminho do amor, tanto mais se deleita um espirito fino.

Ha homens a quem é necessario ir alimentando com esperanças, e estes são os delicados; ha outros que não podem resistir muito ás difficuldades, e são os mais grosseiros. Os primeiros amam por mais tempo, por toda a vida, e com isso se deliciam; os segundos amam depressa, com maior exaltação, mas acabam logo.

GRAVATA DAS ORELHAS DE GATO.

Com o coração piado, piado,
Ficaram as moças que me viram.
Outras de mim velozes fugiram.
Como se eu fosse algum macaco.
Estas são feias e tomam seu tabaco;
As outras são as que eu acato.
E para lhes parecer mais pacato,
Pedi a uma menina ingrata,
Que me desse uma gravata
Feita de orelhas de gato.

Epitaphio mandado gravar por um marido sobre a sepultura de mais querida das mulheres:

«Idolatrada esposa
Espera-me... bastante tempo.»

Correspondência do Echo

Lorena, 26 de Janeiro de 1879.

Redactor Amigo,

«Bravo! Bravissimo! Bravissimo!... Muito e muito bem!

Isto é que se chama couro de es-cacha-pecegoiro!!...

Ipe! ipe! ipe! Hurrah! o João Mendes foi plantar batatas com os seus 50 priscos por dia. Ora esta só lembra ao demo!! Pobre Joãozinho, elle que gostava tanto das francezas do Alcazar!!...

Estas palavras interjectivas, carissimo Redactor, forão proferidas ha dias por um sujeito a quem não tenho a distincta honra de conhecer; mas que, segundo me parece, anda muito enfiado na politica da localidade.

Causarão-me especia; por isso corri immediatamente á casa do nosso homem furrioso, e arranjei uma Gazeta de Noticias.

Lá, com segredinho. O sujeito fallava verdade: o sr. deputado João Mendes de Almeida, a verdadeira esperança dos conservadores da terra, acaba de ser enviado á plantação de batatas; não tinha sido reconhecido deputado por esta provincia!

Como não havia de ficar furioso, elle que tinha as malas repletas de justificações, entre as quaes sobre-sabia a dita lorenaense, elle que estava ancho á dizer: nós nunca fizemos eleições á caceté, nós nunca deixamos passar na Alfandega popeline por algodão, nós nunca fizemos presentes de bons empregos aos

nostros amigos, parentes e afilhados! Pobre João Mendes! gostava tanto da corte, onde não perdia uma só representação de Alcazar; gostava tanto das francezas, á pezar de si dizer religioso e redigir um jornal ultramontano; gostava tanto de ganhar 50\$ R\$. por dia e gastal-os na pandega, ao passo que ao pé d'elle indifferente passavam os pobres cobertos de farrapos, mendigando uma esmola pelo amor de Deus; e agora eis que seus collegas lhe dizem: meu caro Joãozinho, tu has de ver por um oculo a tua cadeira de deputado!

E esta é culpe o João Mendes seus correligionarios politicos, que sem razão alguma plausivel absterão-se da votação.

Realmente, os conservadores tiveram parte nessa derrota, e principalmente os conservadores de Lorena que, depois de ajudarem a fazer uma eleição a bico de penna, correrão para as colunas do Correio Paulistano com um protesto bem engraçado!

Eis em que deu a justificação de que lhe fallei em minha 1.ª correspondencia; ella servio para corroborar ainda mais o ditado: tempo de guerra mentira como terra.

Quanto á mim, que já previa essa derrota, direi deste cantinho ao illustre deputado isto—reconheço:

Senhor Doutor, vá plantar canoas, Que é producto p'ra o Brazil:
Eis o que se diz de vós
No Correio Mercantil?

Também foi essa a questão mais importante da semana, isto é, a mais importante em politica; porque em qualquer outro negocio tem havido pannos para manga.

O ser expulso da Deputação geral não é verdadeiramente cousa que faça barulho no becco; causará aborrecimento á algum chefe aposentado cujo partido esteja em melho de vinagre por alguns bons pares de annos; mas para o povo e para nós isso não quer dizer nada.

E porque amollar-se uma pessoa com semelhante gente!!

Elles são brancos, lá si entendem... O mesmo, porém, não acontece com a nossa gente; temos razão (eu e o povo) de pedir contas aos sujeitos que nos dirigem, physica ou moralmente fallando-se.

Assim é que eu perguntarei á alguns Vereadores da Camara a razão porque andão tão furiosos, tão zangados commigo?

Não teréi razão de dizer o que é verdade, e de repetir aqui o que se diz publicamente em todas as sessões?

Não terá o povo, que pega o imposto municipal, razão bastante para saber o como e o porque tem sido empregadas as rendas da Camara?

Julgo que os senhores Vereadores zangados não têm razão, e muito menos a têm os Empregados da Camara Municipal.

E' verdade que tenho sido bastante positivo, meu caro collega; mas como não, quando é necessario proceder assim!

Tenho fallado também do jornal da terra; e julgo ter muita razão, por

que a Gazeta não tem feito mais do que dar a seus leitores bernardinos laes que tem exaltado a paciência dos mais pacientes.

E eu havia de engulir a pilula e ficar calado, eu que sou o vosso correspondente?! Por certo que não. E' preciso que a Camara Municipal e a Gazeta saibão que eu não heide deixal-as trucar em falso.

—Nunca pensei que certa rodinha havia de fallar em meu nome, ora dizendo é fulano, ora dizendo é sicrano, pelo simples facto de me occupar d'essas questões, aliás importantes.

As fallas chegarão á tal ponto que o proprio seu Leite zangou-se commigo, e disse: «pois agora é que eu não hei de tirar da sala o meu RETRATO!»

E dito, e feito; collocou a photographia sympathica num bonito quadro de moldura de ouro (será?); e pô-lo mais á vista do publico que joga em ambos os dous bilhares.

Seu Leite não tem razão; e principalmente em collocar em cima do quadro um botão de rosa já bastante secco: será a rosa que elle trazia no peito quando veio do Rio?

Tenho esperanças de que serei ouvido por seu Leite, e pelo chard.

—Sim, espero ser ouvido, não assim como tem sido ouvida a nossa collega da Rua Municipal (já mudou-se da Rua do Conde d'Eu) na questão da 3.ª cadeira Publica do Sexo Masculino.

A collega tem fallado mais do que o preto do leite, e o Chico Aurelio tem feito ouvidos de mercador!

Por isso ella, jezniticamente não mencionou a dita Escola, fallando em seu numero ultimo das cadeiras que vão á concurreo.

Tem razão a collega: a culpa é do Chico e de uma dose de filhottismo.

—Em compensação, porém, está funcionando a 2.ª Cadeira do Sexo Feminino, á cargo da exma. sr. d. Maria Lourenço de Oliveira, conforme sei e conforme já duas vezes noticiou a nossa querida col-lega.

O Dr. Inspector do Districto não esqueceu o Edital do costume.

Que a distincta Preceptora seja mais feliz do que foi a sua antecessora é o que sinceramente desejo.

—Ao passo que num abriu a fochar d'olhos ou emquanto o demo esfrega um olho, foi preenchida a vaga da 2.ª Cadeira do Sexo Feminino, continúa sem Professor a 3.ª Cadeira do Sexo Masculino d'esta Cidade.

Ignoramos o motivo, si bem que a Gazeta já se apressasse á dizer aos seus assignantes que era pela forte razão de querer o sr. Inspector Geral anticipadamente processar o ex-professor.

Não creio, amigo Redactor; mas é necessario que a Inspectoria Geral providencie, pois estamos numa terra onde pouca gente sabe o Systema Metrico decimal.

E é conveniente que a Inspectoria de Instrucção não seja tão descansada. —Eis ali, caro amigo, o trabalho litterario de um poeta influenciado pelos negocios da Camara. O mesmo, porém não acontece á

certa typographica prosador, cuja peca litteraria havemos de publicar.

Muito descansado parece também ser a commissão da Camara que deve decidir a questão dos bambas e maricás.

E' preciso que vença a preguiça, e decida o negocio; porque já por ali rosnão as mãs linguas; e julgue-o pelos seguintes versos achados na Rua Municipal, bem perto da Typographia da Gazeta:

409—409

CAMARA

(Ao amigo Bastos)

Bôta ferro, meu visinho,
Na historia dos maricás,
Depressa! deixa de graças
C'os ediz municipaes!

Deves saber, é verdade,
Serem finorios os taes;
Não queiras graças, te peço,
C'os ediz municipaes!

Amigos, sim, dos amigos
Da barriga muito mais;
Quereis depois amollar-nos
Os ediz municipaes.

Deixa de historias, visinho,
Que a bousa escorega, e zaes!
Vamos fugir das masnadas,
Dos nossos municipaes.

O Muniz.

Um nosso amigo morador nesta cidade, e bem conhecido escriptor publico, ao chegar de uma viagem, recebeu uma carta anonyma ou (confessemos) pseudonyma, relativa ás correspondencias do Echo.

O seu autor, que é incontestavelmente algum senhor de altos coturnos, socio talvez de alguma fir-ma commanditaria, segundo annunciou o portador, assigna-se—Pernas tortas.

O nosso amigo, que teve a bondade de mostrar-me a dita carta, não podia advinhar de quem tinha partido o negocio; porém, o portador d'esse papelux disse: «Está aqui uma carta que Nhô... da Typographia mandou.»

Não resta, pois, duvida alguma sobre a paternidade da historia.

O autor da carta, que se assigna—Pernas tortas,—confessa-se retratado no Echo de domingo. Não duvido da sua caricatura; mas é lícito que o tal papeluxeiro syndique dos factos, e não seja tão leviano assim, que vá amolar a paciência de um homem respeitavel, como é o nosso amigo, que tem a independencia e energia bastantes para responder-lhe ao pé da letra.

—Admiron-se muito (e sem razão) certo typo, que rende homenagem á nossa colleguinha, de termos fallado nas perolas de um monumental artigo sobre a imprensa.

Escrevendo, tivemos mais razão do que teve seu Leite para zangar-se commosco; porque o artigo referido é uma mania de retalhos muito mal alinhavada.

Havemos de proval-o em todas as nossas correspondencias, palavra por palavra.

E para comegar, perguntaremos hoje ao amigo do Redactor principal se Mayenja é pa-avra portugueza,—arro esse que demonstra os seus poucos conhecimentos de Geogra-

phia, Historia, Portuguez, Tradução franceza.

Isto é só para começar, como também é só para moer.

Não é lá das melhores cousas, porque ha muita gente que se zanga. Alem de seu Leite, ficou zangado comigo é exemplar vivinho, por dizer que o enterro de sua falecida mulher, uma Professora distincta, foi muito descuidado, como provei.

E' verdade; e eu desajava também ver os srs. Professores Publicos desculparem sua sobrenuncia lastimavel num enterro de uma collega, que era também esposa de um seu collega de redacção.

Seu correspondente e amigo,

Quim Pedro.

A PEDIDOS

CRUZEIRO

Ao litterato Fomlhal; cañtor, de pilulas do Mencon; adroástico Theodora, Saudades do baile etc.

O. D. C. (Quem é?)

Capim, sal e tosa.

Quiz um typo marchar, só por mania, Das letras pela senda trabalhosa; Diz-se vale—mas prenda tão famosa— Ninguém nos veros seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia. Que logo (alçando a voz imperiosa) Lhe broda a natureza: Chega a prosa! E o bob'alegre a encostar-se á poesia!

Yem Apollo munido d'um chicote, E dando-lhe nas ventas dous embates, Diz, altivo e severo ao tal pichote:

Eu não dou protecção a bonifrates! Se na musa inda das mais um pinote, Encasno-te na casa dos orates!

Quelúz, Janeiro de 1879.

AVIZO

O abaixo assignado tendo de mudar-se desta Freguezia para um outro lugar, roga aos seus amigos e freguezes o favor de vi-rem saldar seos debitos o mais breve possivel.

Cachoeira 31 de Janeiro de 79.

Joze Perroni.

S. Antonio da Cachoeira

Hospedou-se esta semana no Hotel Midões o Exm. sr. Visconde de Assiz Tolledo onde foi bem tratado.

Um hospede presente.



Brasão Muniz Dias da Cruz roga ás pessoas de sua amizade que se dignem assistir a missa que por alma de sua muita prezada filha Presciana A. Dias da Cruz, manda celebrar na Matriz desta freguezia no dia 6 do corrente ás 9 horas da manhã, 1º anniversario do passamento da mesma.

Desde já agradece a todas as pessoas que se dignarem dar-lhe esta prova de amizade e caridade.

Cachoeira, 1 de Fevereiro de 1879.

AGRADECIMENTO.

Graças á Divina providencia acha-se perfectamente restabelecido do grave incommodo de saude que ultimamente soffreu o sr. Francisco Barboza Ortiz, a contar do dia 19 até o dia 22 do mez proximo passado:

Tal foi o acertado tratamento prescripto pelo distincto, illustrado e dedicado medico, sr. Dr. Ildefonso Ascaneco de Azevedo, que não somente debelou em poucos dias a cruel enfermidade de que foi victima o sr. Ortiz, como foi plenamente approvado o tractamento seguido por s. s. pelos illustres medicos srs. Drs. A. Justinó da Silveira Machado e Luiz Vieira Maldonado, chamados para conferenciarem com o referido sr. dr. Ascaneco.

Realmente temos em Cachoeira um perfeito e habil medico sr. dr. Ascaneco e o mais illustre e dedicado pharmaceutico: o sr. Rhodes com o seu génio extremamente servicial prestou-nos, durante os dias de maiores afflicções os maiores e mais relevantes serviços; este distincto cavalheiro, que desculpá-nos ha se offendemos a sua modestia, não é somente um habilissimo profissional: é sobretudo dotado de um coração ge-

neroso, magnanimo e caritativo. Os reaes serviços e as delicadas attentões que tanto o sr. Rhodes, como o sr. dr. Ascaneco nos prestaram não se pagam com ouro:—a nossa gratidão para com S. S. será immorredoura.

Outre-sim agradecemos cordialmente a todos os illustres cavalheiros e às exmas. Famílias que nos honraram com suas visitas; e especializando, não podemos deixar de declinar os nomes daquelles que desinteressadamente nos prestaram valiosos serviços.

São os senhores: Antonio Lino Torres, Victorino Moreira da Rocha. Manoel Moreira, João Figueiredo, Constantino Muniz Barreto, Manoel Gaia, Antonio Cardozo, Deodato da Silva Rodrigues e Manoel João.

Atodos, o nosso eterno reconhecimento.

Cachoeira, 2 de Fevereiro de 1879.

Carolina de Castro Ortiz.
Luiz Affonso Lombardi.
Antonia O. Lombardi.
José Francisco Ortiz.
Bento B. Ortiz.
Jodo Ortiz.

Villa do Cruzeiro.

A s. exc. o sr. dr. Chefe de Policia

Foi ultimamente retirado d'esta villa ou antes expulso por indigno o destacamento policial que aqui se achava estacionado. O muito digno subdelegado então em exercicio, sr. Deodato da Silva Rodrigues, foi o primeiro a reconhecer a imprestabilidade da força publica sob suas ordens, e pois, para garantia e segurança publicas entendeu com razão que esta Villa ficaria do facto mais garantida expurgando-a da força policial.

E realmente, jamais tivemos a infelicidade de ter n'este logar pragas policiaes tão relaxadas, prepotentes e remissas no cumprimento dos seus deveres, como as actuaes!

Foi o passo mais acertado que poderia dar o sr. Deodato, fazendo recolher aquelles maltrapilhos á capital: nós o louvamos por isso.

Distingua-se n'esse destacamento pelas suas pessimas qualidades o respectivo cabo, que levava a sua prepotencia ao ponto de querer obstar que qualquer cidadão pacifico, e negociantes honestos que pagam os impostos legaes—recebessem em suas casas seus amigos,

confundindo uma conferencia de amigos com reuniões illicitas! E' desbragada ousadia! E se ainda fosse o celebre cabo um homem moralisado!... mas qual! moral!—é palavra cujo sentido jamais comprehendeu o nosso homem, como eloquentemente attestam os seus actos de canibalismo. Nesta Villa, distinguio-se como devotado adepto de Baccho, e como genuino, trapolheiro, quando a dever a uns e outros não pequenas quantias de dinheiro.

Rogamos a s. exc. o sr. dr. Chefe de Policia da provincia que lance suas vistas para esta desditosa localidade; e que quando tenha de prover-nos com outro destacamento policial, nos mande gente melhor e não igual a que por sua indiguidade e máos costumes, longe de policiar a nossa Villa—carecia ser policiada.

Aguardam providencias os Cruzeirenses.

EDITAL

O Cidadão Joaquim José Rodrigues da Mota, Subdelegado de Policia suppleante em exercicio na forma da Lei, &c.

Faz saber a todos que o presente Edital virem, que as suas audiencias serão ás quintas feiras de todas as semanas ás 11 horas da manhã em casa de residencia de José Eduardo Nogueira de Sá, e despacha todos os dias em casa de sua residencia. E para que chegue a noticia de todos mandei publicar o presente. Cachoeira, 29 de Janeiro de 1879. Eu José Eduardo Nogueira de Sá. Escrevão que escrevi.

Rodrigues da Mota.

ANNUNCIO

COLLEGIO SILVER-RENSE

Director—Francisco Antonio Pereira da Cruz.

Professores—Dr. Francisco A. de Paula Barboza e Ernesto Leão Brazzil.

No dia 3 do corrente reabrir-se-ha este Estabelecimento de ensino, que já conta alguns annos de existencia.

O Director, que não tem poupoado esforços para tornar o seu collegio digno da confiança que até o presente lhe tem sido prodigalisada, annuncia aos snrs. Chefes de Familia que contractou Professor competentemente habilitado para leccionar:

Portuguez, Francez, Inglez, Latim, Arithmetica, Geographia, Historia, Philosophia, e Rhetorica, segundo o programma que será publicado pela imprensa. Fevereiro 2 de 79.

Typ. do Echo Municipal, Cachoeira.

Porque é que o sr. Cardim, *literato choromingu* da Rozeira, nos seus *compridos*, bota sempre umas palavras em francez (da sua lavra), quasi nunca conformes á Grammatica ?!

Pergunta numero tres :

Porque é que a Gazeta não cessa de injuriar-se com os nossos cachorros, que poeticamente fazem ouvir suas Joves vozes, pelas caladas da noite ?

Não pude responder ao meu *Drigmal*, que promette um premio á quem responder ao pé da letra.

Muita gente d'esta boa terra admirou-se de termos dito, que a Rua que vai sahir á um dos lados da casa de commissões dos snrs. Costa Neves & Comp. foi feita em attenção ao Presidente da Camara, socio capitalista d'aquella firma.

Não encontramos nada de estupendo: porque a Camara Municipal não pôde estar fazendo obras de luxo, quando é certo que não pôde fazer as de necessidade paupante.

Os seus cofres estão exaustos, e a pobrezinha está soffrendo *pyndalibite aguda*.

—Consta-nos que é chegada a boa maré dos casamentos.

Temosos duas brevemente, o que será prazer duas vezes dous.

E já que trato d'essa materia, vou contar-lhe, amigo Redactor, o que succedeu á um esposo modelo e não menos exemplar viuinho.

Figurae um viuinho de fresco (viuvo de uns 30 dias quando muito); de-lhe um metro de altura, quando muito; ajuntae-lhe uns bigodinhos pretos no beico de cima, uma perazinha no beico de baixo, alguns fiosinhos raros no queixo, quando muito; accrescentai-lhe uma perninha um pouquinho torta, quando muito; e tereis o meu heroe.

Agora, imaginai o viuinho no dia do enterro de sua esposa, mandando *bandeja, bracettes e fijas* de presente á uma moça bonita da Rua da Piedade.

Imaginae tambem agora o nosso heroe levando uma.....formidavel TABOA !!

E'justamente o que acaba de succeder ao Nhô....

Folhetim (9)

Aristides o Justo

(—)

Explicou-lhe o principe a causa da moleza e dos licenciosos costumes dos Lydios, dizendo: quando o grande Cyro derrubou o throno de Cresso, deixou uma guarnição em Sardes.

« Na sua ausencia, se levantaram os Lydios.

« Agastado aquelle heroe, jurou seu exterminio.

Castigai, lhe disse Cresso, os autores da sublevação, mas quanto aos Lydios, contentai-vos com deixal-os na impossibilidade de sublevar-se; prohibi-lhes que usem de armas; ordenai-lhes de trazer vestidos magnificos e sem cinta; de calçar botegins, e de ensinar a

.... O compadre que acabe o nome.

Conto-lhe isto porque cheira á moralidade publica.

O nosso respeitavel Vigario já tem um bom coadjutor, o Rev. P. Italiano, Francisco Pitacora.

De proposito, tenho deixado de dar-lhe essa boa noticia.

Estivemos em observação; e agora é foreoso confessar que o Rev. sr. P. Pitacora é um excellentes Sacerdote.

Só lamentamos os incommodos de sua Rev. provenientes de uma *figueirazinha que plantou* na Estrada do Piquete, o que quer dizer: sua Rev. cabio de um cavallo magro.

— A Gazeta de Lorenz está publicando agora uma serie de folhetins litterarios.

O primeiro folhetim d'esta Primeira serie intitula-se:

Dous Talentos.

Alem de muitas *perolas* ahí encontradas, lê-se, na 5.ª columna do rodapé, linhas 21 e 22, estas palavras:

Ninguém advinhou-lhe no cerebro a residencia das musas.

E esta !!

— Parece-me que já estão funcionando as aulas publicas, e, graças á Deus, cessou a massante cantarella.

Decididamente, o Barbeiro litterato de Santo Antonio é *trunfo* para o Chico Aurelio.

— A'pezar de não sermos o *homem do Lei*, não podemos de forma alguma concordar com o sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca.

Sua Excellencia foi á Corte; está portanto fóra da sua Comarca, e em Provincia diversa, se bem que a Corte seja um Municipio Nostro.

Ora, em criança, ouvi dizer que os Empregados Publicos de uma Provincia não podem passar á outra sem prévia licença; ouvi tambem dizer ha pouco que os Juizes de Direito não podem sahir das suas Comarcas sem prévia licença.

Sua Excellencia está com licença ?

Não sabemos; mas é certo que já são duas vezes que sua Excellencia deserta.

O que dirá á isto o *furrioso* homem do Lei ?....

seus filhos a tocar instrumentos: favorecei sua inclinação aos prazeres e á ociosidade, e vereis daqui a pouco tempo os homens convertidos em mulheres: de maneira que nem vós nem vossos successores tereis mais insurreições a temer.

« Adoptou Cyro o conselho; e depois os Lydios se fizeram mais celebres pela sua vida efeminada e voluptuosa, do que foram dantes pelas suas façanhas militares e pelas suas victorias.

O conselho de Cresso, disse Aristides a Cyro, é mais especioso que bom e solido. Em uma occasião quasi semelhante a essa dei aos Athenienses um conselho bem diverso. Disse-lhes um dia Themistocles que tinha concebido um projecto de grandissima utilidade, mas de tal importancia que exigia um profundissimo segredo. Ordenou-lhe o povo que m'o communicasse. Obedeceu Themistocles. O projecto foi

surprender e queimar todos os navios dos Gregos, com quem estavam em paz, e com aquelle golpe atrevendo apossarmo-nos da Grecia. Não respondi consa alguma a Themistocles; mas de volta á assembléa disse:—O Athenienses, o projecto que me coñou Themistocles é o mais vantajoso que se pôde propor; porem é ao mesmo tempo o mais injusto.—Os Athenienses renunciaram a elle. Cyro teria sido maior se tivesse imitado a moderação e a justiça dos Athenienses. Corromper os povos para subjugal-os, é querer reinar sob um rebanho de escravos, que longe de ser columna do throno, tem elle mesmo necessidade de ser amparado e protegido. As muralhas e as bases mais solidas dos estados são as virtudes e os bons costumes.

Assim entreteve Cyro até á noite Aristides. As netas d'este não se cansavam de fallar-lhe de sua larga ausencia. No dia seguinte, mandou mais para reparar a inacção

—Alguns amigos, collegas e consocios do nosso exemplar viuinho de 30 dias, pezaróros por causa da...formidavel taboa que levou,

determinarão offortar-lhe uma poesia (não é nenhum dos sonetos ineditos de Servulo Gonçalves), que termina assim:

«Diz-me, Venus, que prazer achas tu Em fazer pinotear, pinotear, pinotear.»

Consta que a idéa partio do litterato autor dos folhetins litterarios.

A cerimonia terá lugar nas officinas da Gazeta; pois a collega já tem officinas ? — (Tome nota).

Seu correspondente e amigo, Quim Pedro.

—Ultima flor.

O sr. Major O. Borges, ao tomar posse do cargo de Provedor da Santa Casa, fez ao Hospital a dadiwa de 100\$000. Espero que esse acto humanitario do sr. Provedor não bade ser o ultimo; assim como tenho a certeza de que não terá imitadores.

Nhó Quim.

P. S.

Consta-me achar-se em Cachoeira a Companhia Carrara, que pretende divertir muito esse publico respeitavel com o seu vasto repertorio *drama-comico-thaumaturgico*.

E' uma boa recommendação ao povo Cachoeirense, á quem recomendamos tambem os dentes do sr. Carrara, que são bem visiveis.

O actor prima na representação da sua bella dentadura.

Quim.

NOTICIARIO

Balsa.—Infelizmente não fomos attendidos pelo sr. administrador do registro da barreira d'esta freguezia, no pedido aliás tão justo que lhe fizemos, não só por nós, mas em nome da nossa população, afim de esclarecer-nos sobre pontos obscuros da acção do serviço dos actuaes barqueiros. E' praxe velha e inveterada a de fazer-se ouvidos de mercador aos reclamos de uma população—cordeiro que, ainda re-

vios dos Gregos, com quem estavam em paz, e com aquelle golpe atrevendo apossarmo-nos da Grecia. Não respondi consa alguma a Themistocles; mas de volta á assembléa disse:—O Athenienses, o projecto que me coñou Themistocles é o mais vantajoso que se pôde propor; porem é ao mesmo tempo o mais injusto.—Os Athenienses renunciaram a elle. Cyro teria sido maior se tivesse imitado a moderação e a justiça dos Athenienses. Corromper os povos para subjugal-os, é querer reinar sob um rebanho de escravos, que longe de ser columna do throno, tem elle mesmo necessidade de ser amparado e protegido. As muralhas e as bases mais solidas dos estados são as virtudes e os bons costumes.

Assim entreteve Cyro até á noite Aristides. As netas d'este não se cansavam de fallar-lhe de sua larga ausencia. No dia seguinte, mandou mais para reparar a inacção

da vespera, corron ao seu jardim. Julguem de seu pasmo. Viu um edificio no sitio onde dantes nada existia. Abrio grandes olhos, chegou-se, tocou-lhe, ainda não ousava fiar-se de seus sentidos. Entrou, e se achou em um gabinete adornado. Decorado e sahido em um dia debaixo da terra. Reparou em duas pinturas, que eram o retrato de Themistocles e o seu. « Que encanto ! exclamou: cahio este gabinete das nuvens ? »

Suas netas iam acompanhando, e apesar de serem ainda tão jovens, desfructavam gostosamente a sua admiração.

—Enfim, perguntou a Athenais, que se estava rindo a bom rir, e lhe decifrou o enigma dizendo-lhe que enquanto Cyro o honrava em seu palacio, com trabalhadores levantaram aquelle pequeno edificio. Não havia meio de recusar-lhe o nem de lhe tornar a mandar.

(Continuar-se-ha)

vestida de toda a razão, não merece si quer uma satisfação esgarapada.

—Diga-nos alguma cousa, sr. administrador ! Não seja adepto do systema em voga, o das *rollas*.

Alienado.—O sr. Francisco Ortiz que ha tempos soffria de ataques de gotta, achou-se desgraçadamente accommettido de alienação mental a contar do dia 21 do corrente.

A sua cabeceira, porem se acha o illustrado sr. dr. Ascanio de Azevedo, de cujos reaes conhecimentos medicos tudo têm a esperar o enfermo e sua inconsolavel familia a quem acompanhamos em seu justo pezar.

Tres victimas.—Confirmando a noticia que sob a epigrapho *desmoranamento* demos em nosso n.º passado, temos a accrescentar que foram victimas desses desmoranamentos uma senhora e uma menina á fazenda do fallecido sr. Nuno Quintanilha, nas immediações do rio Itagaba, municipio de Silveiras, e mais tres filhos menores da infeliz.

Residindo a desventurada mulher, que alli era conhecida pelo nome de Maria Netta, em companhia de seus filhos, em uma pobre cabana, visinha a um grande morro, e horrorizada ante o espectáculo da queda de diversas montanhas ao redor da sua habitação durante as grandes chuvas do dia 3 e 4, resolveu-se a procurar abrigo na vizinhança, e tendo sahido em companhia dos innocentes filhos, no tracto de sua morada á casa que demandava, foi sorprendida pelo subito desmoranamento de uma grande montanha nas proximidades do rio Itagaba, sob cuja enorme massa de terra movevida ficara sepultada com os seus pobres filhos.

Consta-nos que fóra encontrado apenas o cadaver de Maria, já em estado de adiantada putrefacção, nas margens do rio Itagaba, não se tendo por enquanto conseguido deparar os seus menores.

Informam-nos mais que a vivenda da desventurada viuva ficara intacta.

Tempestade.—A 22 desabou tão violenta tempestade sobre a nossa povo-

ação, que diversos predios ficaram bastante arruinados, e alguns descobertos em parte. Eshio alguma sararva acompanhada de rija tufão. Foi, porém, de pouca duração a lavoura, que, a continuar com tal intensidade, se transformaria em verdadeiro cataclysmo.

Solemnidade.—A 29 celebrou-se nesta freguesia missa com musica em louvor do Martyr S Sebastião, tendo deixado de solemnizar-se a respectiva festividade, como era de esenar, por motivos alheios a vontade dos festeiros, que, entretanto comprometteram-se a cumprir esse religioso dever no decurso do corrente anno.

Hospede.—O popular e illustre sr. dr. Antonio Justino da Silva, conhecido e estimado entre nós, e segundo nos informam fora chamado para uma conferencia conjunctamente com os srs. drs. Azevedo e Maldonado em consequencia de terem-se approvado os incumbidos do sr. Francisco Ortiz. Cumprimentamos a s. s.

Dramatica.—Como noticiamos den alguns espectaculos nesta freguesia a companhia dramatica composta da familia Carrara.

Por motivos independentes da nossa vontade não nos foi dado assistir aos seus trabalhos.

Entretanto informamos que o sr. Carrara um artista de talento e que desempenha perfeitamente os papeis de que se incumbem. Acrescentam-nos que principalmente sobre-são a menina Aurora Brasileira que, pela sua tenra idade, está accuada de todo o elegio e da publica expectatiza por quanto, a naturalidade e o sangue frio com que ella desempenhou os papeis que lhe foram confiados revelam talento e muita habilidade.

Sentimos que o sr. Carrara tivesse escolhido má quadra para exhibir seus trabalhos entre nós: a grande enchente do Parahyba e a falta de uma ponte sobre as suas aguas caudalosas obturam que mais de metade da nossa população affluisse aos seus espectaculos.

Flores das Sélvas.—Tal é o titulo de uma producção poetica e litteraria da lavra do sr. João Gudiary, da qual obsequiosamente offerrecera-nos um exemplar.

Por escassear-nos espaço, e mormente por não ter-nos sobrado tempo para devidamente apreciarmos o seu trabalho, deixamos no presente de inittir o nosso não autorizado juizo a respeito.

Agradecemos-lhe.

Correio da Noite.—Fomos oh-quando os primeiros ns d'este interessante e bem redigido nocturno que especetou a sua publicação na Corte a 20 do corrente.

O *Correio da Noite*, unico no seu genero em nosso paiz há de ter uma existencia duradoura, por quanto sentia-se entre nós a necessidade de um organ que, semelhante aos outros celestes, fizesse a luz no interior das trevas—durante a noite. Quantos dramas negros não ficam por ali sepultados no manto negro da noite?

O *Correio da Noite* vem, pois, preencher esta immentia lacuna.

Nos o felicitamos com abundancia de coração.

E' do Reporter:

- « O homem é mosca voando;
- « Ijha o amor com prazer;
- « O matrimonio é uma teia
- « E a aranha—é a mulher.

CHARADAS

Offerecidas ao muito digno Redactor do «Echo Municipal» por um obscuro assignante.

- 1.º
- 1-1-1-1—Este verbo olha o adverbio, liberal. Para o calor
- 2.º
- 1-1—No baile, a contracção. Não é branco.
- 3.º

1-1—Na musica, este adverbio. De ago cu ferro.

4.º

1-2—Na musica, a filha da filha é do metal.

5.º

1-2—Repita, este senhor. Quero secco.

6.º

2-2-2—Nome de mulher, nos campos. E' as avessas.

7.º

1-2-2—Aqua molle em pedra dura, tanto da té que fura. Come-se

8.º

1-2-2—No homem, em frente as casas. Esta ave.

9.º

1-1-1—Isolado na musica. Esta parte da mobilia.

10.º

1-2-2—Na musica, nas feras. Este insecto.

11.º

1-2-2—Não é boa, estava alegre. Este nome feminino.

(A decifração das do n. antecedente são: Barbacena, Cangalheiro, Val-paraiso, Madrasileta, Chacal, Aguardente.)

ACRONS.

Palma na palma da mão esquerda—esta algum a diser mal.

Dita na palma da mão direita—está algum a diser bem.

Cantar a coruja defronte da janella—morte de noite.

Quando os galos arranhão a esquina da porta—é presente.

Quando entra em casa biscoito louro—traz ouro.

Quando entra biscoito negro—mão agorrono.

Quando entra mosca varejeira—presente de carne.

Rato atravessando o caminho—signal de desgraça.

Cão a uivar—doença em quem o ante.

Galto que canta fora de horas—signal infausito, e é comido com arroz no outro dia.

Porco morto em mingauito—encolhe na panela.

Fatos brincando—vento sudoeste.

Passaros cantando—signal de chuva.

Matar passaros—perdição a fortuna.

Matar cobra—tudo vai p'ra traz.

Criar pombos e deixar de os criar—pobreza na casa.

Mão que mata aranha—tira dores.

Palma em faio novo—hade seu dono rompê-lo.

Piolho no feto novo—não se logra ao dono delle.

Borboleta na luz—boas novas.

A PEDIDOS

MOFINA.

Para a Camara Municipal de Lorena ver e providenciar.

Alguns negociantes de nova especie vendem tucinho e assucar n'esta freguezia sem pagarem licença com prejuizo dos negociantes que a pagam.

Pede providencias da

Camara Municipal de Lorena.

Cachoeira, 24 de Janeiro de 1879.

O Commercio licito.

Ao Commercio.

Uma pessoa com 16 annos de pratica de escripturação mercantil, deseja tomar algum trabalho de escripta, preferindo lugar á margem da Estrada de Ferro. Quem precisar deixe carta no escriptorio d'esta folha com as iniciaes C. S.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Precisa-se de um ou dois trabalhadores que tenham pratica de serviço de arado.

Tracta-se na Fazenda da Cachoeira com o Dr. Costa Junior.

Grande pechincha !!

Verdadeiras taboas de cedro por preços nunca vistos.

N'esta typographia se dirá quem vende. 6-3

Vende-se uma preta, crioula de 16 annos de idade, bonita figura de serviço de roça, domestico e sem vicios, para informações n'esta Typographia. Cachoeira, 20 de Dezembro de 1878.

MEDICO

O sr. João Luiz Vieira Maldonado medico e operador Resid. n'esta cidade a rua da Piedade n.º 3, onde pode ser procurado a qualquer hora para os mysteres de sua profissão, attendendo com promptidão a todos os chamados, que lhe forem dirigidos.

Da consulta todos os dias em sua residencia. Gratis aos pobres.

LORENA

Pharmacia N. S. das Dores.

O pharmaceutico Theodoro Fragoso

Rhodes, tem a subida satisfação de annunciar ao illustrado povo de Cachoeira, Cruzeiro, Sapé, Silveiras e Pnhieiros, Lavrinhas e etc que abriu um estabelecimento clinico-pharmaceutico, capaz de competir com o melhor e mais bem sortido da Corte, aciendo-se por este motivo apto a aviar com promptidão e fidelidade qualquer receita, e por consequente a bem servir o respeitavel publico, do qual desde já pede a valiosa protecção e anticipa sua sincera gratidão.

Cachoeira, Novembro de 1878.

O Doutor Ildefonso Azevedo de Azevedo, medico operador e patheico, licenciado fixado sua residencia n'esta freguezia offerrecer os seus serviços medicos, ao respeitavel publico acceitando chamados para qualquer parte e a qualquer hora do dia ou de noite.

Da consulta na Villa do Cruzeiro, na casa de propriedade da exma. srta. D. Anna de Siqueira, ás quintas-feiras e domingos do meio dia ás duas horas da tarde, e na impossibilidade de nos dias immediatos.

N'esta freguezia, todos os dias das seis horas da manhã ás nove da noite.

Gratis aos pobres

Cachoeira, 8 de Janeiro de 1879.

Guaratinguetá

Clinica Medica Cirurgica

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo fixado residencia n'esta provincia, offerrecer a seus comprouvincianos os seus serviços profissionais, acceitando chamados ou convites para conferencias em qualquer ponto da mesma provincia. Dirigirse ao mesmo em Guaratinguetá.

20-13

PEDREIRO.

Quem precisar dos serviços de um official pedreiro queira dirigir-se a esta typographia que se dirá com quem se trata.

6-3

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira